

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

SETEMBRO DE 1868

Nº 9

Aumento e Diminuição do Volume da Terra

A PROPÓSITO DE *A GÊNESE*³³

Nosso correspondente de Sens, cuja observação sobre o *partido espírita* publicamos em nosso número precedente, em sua carta juntou uma outra, sobre o aumento do volume da Terra, e que a abundância de matérias nos obrigou a adiar.

“Peço-vos ainda, senhor, permissão para vos submeter uma reflexão que me veio, lendo vossa última obra sobre *A Gênese*. Na página 161 há isto: ‘Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha um átomo a mais nem a menos do que hoje.’ Entretanto, os Espíritos disseram que não há duas leis diferentes para a formação dos corpos principais e dos corpos secundários; e, depois, li em algum lugar que as plantas restituem à terra mais do que dela recebem. Não sei se isto está bem constatado e cientificamente demonstrado, mas, segundo este e outros dados, sem falar dos aerólitos, que hoje são um fato incontestado, não poderia acontecer que um dia se descobrisse que o

33 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

nosso globo adquire ainda maior volume, o que contradiria essa asserção?”

É bem verdade que as plantas restituem ao solo mais do que dele tiram; mas o globo não se compõe apenas da parte sólida; a atmosfera dele faz parte integrante. Ora, está provado que as plantas se nutrem tanto, e mesmo mais, dos fluidos aeriformes tirados da atmosfera, quanto dos elementos sólidos absorvidos pelas raízes. Tendo em vista a quantidade de plantas que viveram na Terra desde a sua origem, sem falar dos animais, os fluidos atmosféricos de longa data estariam esgotados, se não se alimentassem numa fonte permanente. Esta fonte está na decomposição das matérias sólidas, orgânicas e inorgânicas, que liberam para a atmosfera o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e outros gases que dela haviam subtraído. Há, pois, uma troca constante, uma transformação perpétua, que se realizam na superfície do globo. Dá-se aqui exatamente como a água, que se eleva em vapores e recai em chuva, e cuja quantidade é sempre a mesma. O crescimento dos vegetais e dos animais, operando-se com o auxílio dos elementos constitutivos do globo, seus restos, por mais consideráveis que sejam, não acrescentam um átomo à massa. Se a parte sólida do globo aumentasse por essa causa, de maneira permanente, seria à custa da atmosfera, que diminuiria outro tanto, e acabaria sendo imprópria à vida.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas se formaram de matérias sólidas, momentaneamente volatilizadas pelo efeito da alta temperatura, e que, mais tarde, condensadas pelo resfriamento, se precipitaram. Incontestavelmente elas elevaram um pouco a superfície do solo, que, sem isto, se teria detido na camada granítica, mas sem nada acrescentar à massa total, visto que não passava de um deslocamento da matéria. Quando a atmosfera, purgada dos elementos estranhos que mantinha em suspensão, encontrou-se em seu estado normal, as coisas seguiam o curso regular, que tiveram desde então. Hoje, a menor modificação na

constituição da atmosfera acarretaria forçosamente a destruição dos seres vivos atuais. Mas, então, provavelmente se formariam novas raças, em outras condições de vitalidade.

Considerada deste ponto de vista, a *massa* do globo, isto é, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas, é incontestavelmente a mesma desde a sua origem. Se experimentasse uma dilatação ou uma condensação, seu *volume* aumentaria ou diminuiria, sem que a *massa* sofresse qualquer alteração. Se, pois, a Terra aumentasse de massa pela adunção de novas moléculas, seria por efeito de uma causa estranha, já que não poderá tirar de si mesma os elementos necessários ao seu incremento.

Algumas pessoas pensam que a queda de aerólitos pode ser uma causa de aumento do volume da Terra; outras, sem se preocuparem com as vias e os meios, fundam-se no princípio de que, desde que os animais e as plantas nascem, crescem e morrem, os corpos planetários devem estar submetidos à mesma lei.

Antes de mais, a origem dos aerólitos ainda é problemática; durante muito tempo pensou-se mesmo que podiam formar-se nas regiões superiores da atmosfera terrestre, pela condensação das matérias gaseificadas provenientes da própria Terra; mas, supondo que tenham uma fonte estranha ao nosso globo, que provenham de restos de planetas detonados, ou que se formem espontaneamente pela condensação da matéria cósmica interplanetária, caso em que poderiam ser considerados como *abortos de planetas*, sua queda accidental não poderia levar a um acréscimo sensível e, ainda, menos, regular, do nosso globo.

Por outro lado, a assimilação que se pretende fazer entre as plantas e os planetas, carece de justeza, porque seria fazer destes últimos seres orgânicos, o que não é admissível.

Segundo outra opinião, o globo pode aumentar pelo afluxo da matéria cósmica interplanetária, que recolhe através de seu percurso no espaço, e que deposita incessantemente novas moléculas em sua superfície. Esta doutrina nada tem de irracional, porquanto, neste caso, o crescimento se daria por adjunção e superposição, como para todos os corpos orgânicos; mas, além de se poder perguntar onde pararia esse crescimento, ela é ainda muito hipotética para ser admitida como princípio. Não passa de um sistema combatido por sistemas contrários, porque, segundo outros, a Terra, em vez de adquirir, consome, por efeito de seu movimento, isto é, abandona no espaço uma parte de suas moléculas e, assim, em vez de aumentar, ela diminui. Entre estas duas teorias, a ciência positiva ainda não se pronunciou, e é provável que não o poderá tão cedo, por falta de meios materiais de observação. Nisto fica-se reduzido a formular raciocínios baseados nas leis conhecidas, o que pode dar probabilidades, mas ainda não dá certezas.

Eis, em resposta à questão proposta, a opinião motivada do eminente Espírito que ditou os sábios *estudos uranográficos*, referidos no capítulo VI de *A Gênese*.

(Sociedade de Paris, julho de 1868 – Médium: Sr. Desliens)

“Os mundos se esgotam envelhecendo e tendem a dissolver-se para servir de elementos de formação de outros universos. Restituem, pouco a pouco, ao fluido cósmico universal do espaço o que dele haviam tirado para se formar. Além disso, todos os corpos se desgastam pelo atrito; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico tem por efeito diminuir constantemente a sua massa, embora numa quantidade inapreciável, num dado tempo.³⁴

34 Em seu movimento de translação em torno do Sol, a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Tendo a Terra 9.000 léguas de circunferência no equador, no movimento de rotação sobre o seu eixo, cada ponto do equador percorre, pois, 9.000 léguas em vinte e quatro horas, ou 6,3 léguas por minuto.

“Em minha opinião, a existência dos mundos pode dividir-se em três períodos:

Primeiro período – Condensação da matéria, durante a qual o volume do globo diminui consideravelmente, mas a massa continua a mesma. É o período da infância. – *Segundo período* – Contração, solidificação da crosta, eclosão dos germes, desenvolvimento da vida até o aparecimento do tipo mais perfectível: é a idade da virilidade; perde, mas muito pouco, seus elementos constitutivos. À medida que seus habitantes progredem *espiritualmente*, ele passa ao período de diminuição *material*; perde, não só por causa do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, semelhante a uma pedra dura que, roída pelo tempo, acaba por se transformar em pó. Em seu duplo movimento de rotação e de translação, deixa no espaço parcelas fluidificadas de sua substância, até o momento em que a sua dissolução for completa.

“Mas, então, como a força atrativa está na razão da massa – eu não digo do volume – diminuindo a massa, suas condições de equilíbrio no espaço se modificam; dominado por globos mais poderosos, aos quais não pode constituir contrapeso, produzem-se desvios em seus movimentos, em sua posição em relação ao Sol; sofre novas influências e daí nascem mudanças nas condições de existência dos seus habitantes, à espera que ele desapareça do cenário do mundo.

“Assim, nascimento, vida e morte; infância, virilidade e decrepitude, tais são as três fases pelas quais passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica. Só o Espírito, que não é matéria, é indestrutível.”

Galileu

Em que se tornam os habitantes de um mundo destruído? Fazem o que fazem os habitantes de uma casa em

demolição: vão se estabelecer alhures, em melhores condições. Para eles os globos não passam de estações temporárias; mas é provável que quando um globo tiver chegado ao seu período de dissolução, há muito tempo tenha deixado de ser habitado, porque, então, já não pode fornecer os elementos necessários à manutenção da vida.

Tudo é problema insolúvel na Natureza, desde que se faça abstração do elemento espiritual; tudo se explica, ao contrário, claramente e logicamente, desde que se leve em conta este elemento.

É de notar que, conforme a ordem de idéias expressas na comunicação acima, o fim de um mundo coincidiria com a maior soma de progresso de seus habitantes, compatível com a natureza desse mundo, em vez de ser o sinal de uma reprovação que votaria a maior parte deles à danação eterna.

Alma da Terra

A questão precedente nos leva naturalmente à da alma da Terra, várias vezes debatida e diversamente interpretada.

A alma da Terra representa um papel principal na teoria da formação do nosso globo pela incrustação de quatro planetas, teoria cuja impossibilidade material demonstramos, conforme as observações geológicas e os dados da ciência experimental. (Vide *A Gênese*, cap. VII, n^{os} 4 e seguintes.) No que concerne à alma, apoiar-nos-emos igualmente sobre os fatos.

Esta questão prejudica uma outra: A Terra é um ser vivo? Sabemos que certos filósofos, mais sistemáticos do que práticos, consideram a Terra e todos os planetas como seres animados, fundando-se no princípio de que tudo vive em a Natureza, desde o mineral até o homem. Antes de mais, cremos

que há uma diferença capital entre o movimento molecular de atração e de repulsão, de agregação e de desagregação do mineral e o princípio vital da planta; há aí efeitos diferentes, que acusam causas diferentes ou, pelo menos, uma profunda modificação na causa primeira, se esta for única. (*A Gênese*, cap. X, n^{os} 16 a 19.)

Mas, admitindo, por um instante, que o princípio da vida tenha sua fonte no movimento molecular, não se poderá contestar que seja ainda mais rudimentar no mineral do que na planta; ora, daí a uma alma, cujo atributo essencial é a inteligência, a distância é grande. Cremos que ninguém pensou em dotar um calhau ou um pedaço de ferro com a faculdade de pensar, de querer e de compreender. Fazendo mesmo todas as concessões possíveis a este sistema, isto é, colocando-nos do ponto de vista dos que confundem o princípio vital com a alma propriamente dita, a alma do mineral nele não estaria senão em estado de germe latente, pois que nele não se revela por nenhuma manifestação.

Um fato não menos patente que o de que acabamos de falar é que o desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio inteligente. O organismo se completa à medida que se multiplicam as faculdades da alma. A escala orgânica segue constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipó até o homem, e não poderia ser de outro modo, desde que à alma é necessário um instrumento apropriado à importância das funções que deve desempenhar. De que serviria à ostra ter a inteligência do macaco, sem os órgãos necessários à sua manifestação? Se, pois, a Terra fosse um ser animado, servindo de corpo a uma alma especial, essa alma deveria ser ainda mais *rudimentar* que a do pólipó, pois que a Terra não tem a mesma vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que se atribui a essa alma, sobretudo na teoria da incrustação, dela fazem um ser dotado de razão e do mais completo livre-arbítrio, um Espírito superior, numa palavra, o que nem é racional,

nem conforme à lei geral, porque jamais um Espírito teria sido mais aprisionado e pior dotado. A idéia da alma da Terra, entendida neste sentido, tanto quanto a que faz da Terra um animal, deve, pois, ser arrolada entre as concepções sistemáticas e quiméricas.

Aliás, o mais ínfimo animal tem a liberdade de seus movimentos; vai aonde quer e ainda quando lhe apraz, enquanto os astros, esses pretensos seres vivos e animados por inteligências superiores, estariam sujeitos a movimentos perpetuamente automáticos, sem jamais poderem afastar-se de sua rota; seriam, na verdade, bem menos favorecidos que o último pulgão. Se, conforme a teoria da incrustação, as almas dos quatro planetas que formaram a Terra, tiveram a liberdade de reunir os seus invólucros, teriam a de ir aonde quisessem, de mudar à vontade as leis da mecânica celeste. Por que não mais a têm?

Há idéias que se refutam por si mesmas e sistemas que caem desde que se perscrutem seriamente as suas conseqüências. O Espiritismo seria ridicularizado de forma justa por seus adversários, se se fizesse o editor responsável de utopias que não suportam o exame. Se o ridículo não o matou, é porque só mata o que é ridículo.

Por alma da Terra pode entender-se, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos incumbidos da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe certo grau de adiantamento e de desenvolvimento intelectual; ou, melhor ainda: o Espírito a quem está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que somente pode ser atribuída a um ser eminentemente superior em saber e em sabedoria. Em tal caso, esse Espírito não é, propriamente falando, a alma da Terra, porquanto não se acha encarnado nela, nem subordinado ao seu estado material. É um chefe preposto à sua direção, como um general o é ao comando de um exército.

Um Espírito, incumbido de missão tão importante qual a do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou, então, teríamos de reconhecer em Deus a imprevidência de confiar a execução de suas leis a seres capazes de lhes contravir, a seu bel-prazer. Ora, segundo a doutrina da incrustação, a má-vontade da alma da Lua é que houvera dado causa a que a Terra ficasse incompleta.

Numerosas comunicações, dadas em diversos lugares, vieram confirmar esta maneira de encarar a questão da alma da Terra. Citaremos apenas uma, que em poucas palavras as resume todas.

(Sociedade Espírita de Bordeaux, abril de 1862)

A Terra não tem alma, que lhe pertença propriamente, porque não é um ser organizado, como os que são dotados de vida; tem-nos aos milhões, que são os Espíritos encarregados de seu equilíbrio, de sua harmonia, de sua vegetação, de seu calor, de sua luz, das estações, da encarnação dos animais, que velam, assim como a dos homens. Isto não quer dizer que tais Espíritos sejam a causa desses fenômenos: eles os presidem, como os funcionários de um governo presidem cada uma das engrenagens da administração.

A Terra progrediu à medida que se formou; progride sempre, sem jamais se deter, até o momento em que tiver atingido o máximo de sua perfeição. Tudo o que nela é vida e matéria progride ao mesmo tempo, porquanto, à medida que se realiza o progresso, os Espíritos encarregados de velar por ela e seus produtos, progridem por seu lado, pelo trabalho que lhes incumbe, ou cedem o lugar a Espíritos mais adiantados. Nesse momento ela chega a uma transição do mal ao bem, do medíocre ao belo.

Deus, criador, é a alma do Universo, de todos os mundos que gravitam no infinito, e os Espíritos incumbidos, em cada mundo, da execução de suas leis, são os agentes de sua vontade, sob a direção de um delegado superior. Esse delegado pertence, necessariamente, à ordem dos Espíritos mais elevados, porquanto seria injusto com a sabedoria divina crer que ela abandonasse ao capricho de uma criatura imperfeita o cuidado de velar pela realização do destino de milhões de suas próprias criaturas.

P. – Os Espíritos incumbidos da direção e da elaboração dos elementos constitutivos do nosso globo podem encarnar?

Resp. – Certamente, porque, no estado de encarnação, tendo uma ação mais direta sobre a matéria, podem fazer o que lhes seria impossível como Espíritos, assim como certas funções, por sua natureza, competem mais especialmente ao estado espiritual. A cada estado são conferidas missões particulares.

Os habitantes da Terra não trabalham por sua melhoria material? Considerai, então, todos os Espíritos encarnados como fazendo parte dos que estão encarregados de fazê-la progredir, ao mesmo tempo que progridem. É a coletividade de todas essas inteligências, encarnadas e desencarnadas, inclusive o delegado superior, que constitui, a bem dizer, a alma da Terra, da qual cada um de vós faz parte. Encarnados e desencarnados são as abelhas que trabalham na edificação da colméia, sob a direção do Espírito-chefe. Este é a cabeça, os outros são os braços.

P. – Esse Espírito-chefe também pode encarnar?

Resp. – Sem dúvida alguma, quando recebe a missão, o que ocorre quando sua presença entre os homens é julgada necessária ao progresso.

Um dos vossos guias espirituais

Proteção do Espírito dos Santos Patronos

A pergunta seguinte nos foi proposta ultimamente por um dos nossos assinantes:

Pondo de lado todo preconceito de seita e de idéia mística, a qualificação de santo denota uma certa superioridade espiritual, porque, para merecer esse título, é preciso ter-se distinguido por atos meritórios quaisquer. De acordo com isto, e sendo a coisa considerada do ponto de vista espírita, os santos, sob cuja invocação nos colocam ao nascermos, não se tornam nossos protetores naturais, e quando se celebra a festa patronímica de alguém, aquele do qual tomou o nome não é atraído por simpatia e a ela não se associa, ao menos por pensamento, quando não por sua presença?

Há nesta pergunta dois pontos a considerar, e que devem ser examinados separadamente.

Os espíritas sabem, melhor que ninguém, que o pensamento atrai o pensamento, e que a simpatia dos Espíritos, sejam ou não beatificados, é solicitada por nossos sentimentos a seu respeito. Ora, o que é que determina, em geral, a escolha dos nomes? Uma veneração particular pelo santo que o tinha? admiração por suas virtudes? confiança em seus méritos? o pensamento de o dar como modelo ao recém-nascido? Perguntai à maioria dos que o escolhem se sabem quem foi, o que fez, quando viveu, por que se distinguiu, se conheciam uma só de suas ações. Se se excetuarem alguns santos cuja história é popular, quase todos são totalmente desconhecidos e, sem o calendário, o público nem mesmo saberia se tinham existido. Assim, nada pode, pois, atrair o seu pensamento antes para um do que para outro. Admitamos que, para certas pessoas, o título de santo baste e que se pode tomar um nome de confiança, desde que esteja na lista dos bem-aventurados,

preparada pela Igreja, sem que seja preciso saber mais: é uma questão de fé.

Mas, então, para essas mesmas pessoas, quais são os motivos determinantes? Há dois que predominam quase sempre. O primeiro é, muitas vezes, o desejo de agradar a algum parente ou amigo, cujo amor-próprio se quer adular, dando seu nome ao recém-nascido, sobretudo se daquele espera alguma coisa, porque se fosse um pobre diabo, sem crédito e sem consistência, não lhe fariam esta honra. Nisto visam muito mais a proteção do homem que a do santo.

O segundo motivo é ainda mais mundano. O que se busca quase sempre num nome é a forma graciosa, uma consonância agradável. Sobretudo num certo mundo, querem nomes bem sofisticados, que tenham um cunho de distinção. Há outros que são repelidos impiedosamente, porque não agradam ao ouvido, nem à vaidade, mesmo que fossem de santos ou de santas mais dignos de veneração. E, depois, muitas vezes o nome é uma questão de moda, como a forma de um penteado.

É preciso convir que essas santas personagens em geral devem ser pouco tocadas pelos motivos da preferência que lhes concedem; na realidade, não têm nenhuma razão especial para se interessarem, mais que por outros, por aqueles que têm o seu nome, perante os quais são como esses parentes afastados, dos quais só se lembram quando esperam uma herança.

Os espíritas, que compreendem o princípio das relações afetuosas entre o mundo corporal e o mundo espiritual, agiriam de outro modo em tal circunstância. Ao nascer uma criança, os pais escolheriam, entre os Espíritos, beatificados ou não, antigos ou modernos, amigos, parentes ou estranhos à família, um daqueles que, com seu conhecimento, deram provas irrecusáveis de sua superioridade, por sua vida exemplar, pelos atos meritórios que

praticavam, pela prática das virtudes recomendadas pelo Cristo: a caridade, a humildade, a abnegação, o devotamento desinteressado à causa da Humanidade, numa palavra, por tudo quanto sabem ser uma causa de adiantamento no mundo dos Espíritos; invocá-lo-iam solenemente e com fervor, pedindo-lhe que se unisse ao anjo-da-guarda da criança para a proteger na vida que vai percorrer, guiá-la com seus conselhos e suas boas inspirações; e em sinal de aliança daria a essa criança o nome do Espírito. O Espírito veria nessa escolha uma prova de simpatia e aceitaria com prazer uma missão que seria um testemunho de estima e de confiança.

Depois, à medida que a criança crescesse, ensinar-lhe-iam a história de seu protetor; contar-lhe-iam suas boas ações; ele saberia por que tem esse nome e esse nome sempre lhe lembraria um belo modelo a seguir. É então que na festa de aniversário o protetor invisível não deixaria de associar-se, porque teria seu lugar no coração dos assistentes.

A Poltrona dos Antepassados

Contaram-nos que em casa de um escritor-poeta de grande renome, há um costume que parecerá bizarro a quem quer que não seja espírita. À mesa da família há sempre uma poltrona vazia; essa poltrona é fechada por um cadeado e ninguém nela se assenta: é o lugar dos antepassados, dos avós e dos amigos que deixaram este mundo; lá está como respeitoso testemunho de afeição, uma piedosa lembrança, um apelo à sua presença, e para lhes dizer que vivem sempre no espírito dos sobreviventes.

A pessoa que nos relatou o fato, como vindo de boa fonte, acrescentou: “Os espíritas repelem, e com razão, as coisas puramente formais; mas se há uma que possam adotar sem derrogar seus princípios, sem dúvida é esta.”

Seguramente, eis um pensamento que jamais brotaria no cérebro de um materialista; não só ele atesta a idéia espiritualista, mas é eminentemente espírita e não nos surpreende absolutamente da parte de um homem que, sem arvorar abertamente a bandeira do Espiritismo, muitas vezes afirmou sua crença nas verdades fundamentais que dele decorrem.

Há nesse uso algo de tocante, de patriarcal e que impõe respeito. Com efeito, quem ousaria ridicularizá-lo? Não é uma dessas fórmulas estéreis, que nada dizem à alma: é a expressão de um sentimento que parte do coração, o sinal sensível do laço que une os presentes aos ausentes. Essa cadeira, aparentemente vazia, mas que o pensamento ocupa, é toda uma profissão de fé, e mais, todo um ensinamento, tanto para os grandes, quanto para os pequenos. Para as crianças, é uma eloqüente lição, embora muda, que não pode deixar de produzir salutarens impressões. Os que forem educados nessas idéias jamais serão incrédulos, porque, mais tarde, a razão virá confirmar as crenças com que terão sido embaladas. A idéia da presença, em torno deles, de seus avós ou de pessoas veneradas, será para eles um freio mais poderoso que o medo do diabo.

Círculo da Moral Espírita em Toulouse

Temos o prazer de anunciar que uma sociedade acaba de ser oficialmente autorizada em Toulouse, sob o título de *Círculo da moral espírita*. Cumprimentamos os fundadores pela escolha do título, que mostra claramente o objetivo que se propuseram, ao mesmo tempo que resume perfeitamente o caráter essencial da doutrina. Se é verdade que a *nobreza obriga*, não o é menos dizer que o *título obriga*, a menos que se minta à sua bandeira. Estamos convencidos de que os membros dessa reunião saberão justificá-lo. Pela própria severidade de seu regulamento, do qual tivemos conhecimento, eles provam sua firme intenção de agir como verdadeiros espíritas.

Houve outrora em Paris uma sociedade, por muito tempo bem florescente, da *moral cristã*. Por que não haveria *sociedades da moral espírita*? Seria o melhor meio de impor silêncio aos zombadores e fazer calar as prevenções que alimentam, contra o Espiritismo, aqueles que não o conhecem. A qualidade de membro de uma sociedade que se ocupa de moral teórica e prática, é um título à estima e à confiança, mesmo para os incrédulos, porque é o equivalente ao de membro de uma sociedade de pessoas honestas, e todo espírita sincero deve ter a honra de dela fazer parte. Os gracejadores de mau gosto ousarão dizer que são sociedades de tolos, de loucos ou de imbecis?

A palavra *círculo*, adotada pela sociedade de Toulouse, indica que não se limita a sessões ordinárias, mas que é, além disso, um local de reuniões, onde os membros podem vir entreter-se com o objetivo especial de seus estudos.

Memórias de um Marido

Pelo Sr. Fernand Duplessis

Encontrados em toda parte, os traços do Espiritismo são como as inscrições e as medalhas antigas, que atestam, através dos séculos, o movimento do espírito humano. As crenças populares, sem contradita, contêm os traços, ou melhor, os germes das idéias espíritas em todas as épocas e em todos os povos, mas misturadas a lendas supersticiosas, como o ouro das minas está misturado à ganga. Não é somente aí que se deve procurá-las, é na expressão dos sentimentos íntimos, porque é aí que muitas vezes se as encontram no estado de pureza. Se se pudesse sondar todos os arquivos do pensamento, ficar-se-ia surpreso de ver até que ponto elas estão arraigadas no coração humano, desde a vaga intuição até os princípios claramente formulados. Ora, quem, pois, os fez nascer antes do aparecimento do Espiritismo? Dir-se-á que é uma

influência de camarilha? Elas aí nasceram espontaneamente, porque estão na Natureza; mas muitas vezes foram abafadas ou desnaturadas pela ignorância e pelo fanatismo. Hoje o Espiritismo, passado ao estado de filosofia, vem arrancar essas plantas parasitas e constituir um corpo de doutrina daquilo que não passava de vaga aspiração.

Um dos nossos correspondentes de Joinville-sur-Marne, o Sr. Petit-Jean, ao qual já devemos numerosos documentos sobre esse assunto, manda-nos um dos mais interessantes, que temos a satisfação de acrescentar aos que já publicamos.

“Joinville, 16 de julho de 1868.

“Eis ainda pensamentos espíritas! Estes têm tanto mais importância quanto não são, como tantos outros, o produto da imaginação, ou uma idéia explorada pelos romancistas. São a exposição de uma crença partilhada pela família de um convencional e expressa na mais grave circunstância da vida, na qual não se pensa em brincar com as palavras.

“Colhi-os numa obra literária, tendo como título: *Memórias de um Marido*, que não são senão o relato minucioso da vida do Sr. Fernand Duplessis. Essas memórias foram ditadas em 1849, por Eugène Sue, ao qual o Sr. Fernand Duplessis as enviou, com a missão de as entregar à publicidade, a título, segundo suas próprias expressões, de expiação para si e de ensinamento para os outros. Dou-vos a análise das passagens que têm mais relação com a nossa crença.”

“A Sra. Raymond, bem como seu filho, prisioneiros políticos, recebem a visita do Sr. Fernand Duplessis, seu amigo. Esta visita deu lugar a um diálogo, depois do qual a Sra. Raymond travou a seguinte conversa com o filho (página 121):

“Vejamos, meu filho – retomou a Sra. Raymond num tom de afetuosa censura – foi ontem que demos os primeiros passos nesta carreira onde devemos agradecer a Deus um dia sem angústias? Será que se continua, será que se atinge o objetivo para onde tendemos sem dor, sem perigos, e muitas vezes sem martírio? Será que não nos disseram cem vezes que nossa vida não nos pertence, mas é dessa santa causa da liberdade, pela qual teu pai morreu no cadafalso? Será que desde que tens a idade da razão não nos habituamos a esse pensamento, que um dia eu teria que fechar as tuas pálpebras, como podias fechar as minhas? Será que existe de que se entristecer previamente? Jamais me vês sombria, lacrimosa, porque vivo sempre com a lembrança querida e sagrada de teu pai, cuja fronte ensangüentada beijei, e que enterrei com minhas mãos? Não temos fé, como nossos pais os gauleses, no renascimento indefinido de nossos corpos e de nossas almas, que vão, sucessivamente, povoar a imensidade dos mundos? Para nós o que é a morte? o começo de uma outra vida, nada mais. Estamos do lado de cá da cortina, passamos para o outro, onde perspectivas imensas aguardam nosso olhar. Quanto a mim, não sei se é porque sou filha de Eva, acrescentou a Sra. Raymond com um leve sorriso, mas o fenômeno da morte jamais me inspirou senão uma excessiva curiosidade.”

Página 208 – “O pensamento da morte excitava, sobretudo em Jean, uma vivíssima curiosidade. Espiritualista por essência, ele partilhava com sua mãe, seu tio e Charpentier, a crença viril que foi a de nossos pais, os gauleses. Segundo o admirável dogma druídico, sendo o homem imortal, alma e corpo, espírito e matéria, ele ia assim, alma e corpo, renascer e viver incessantemente, de mundo em mundo, elevando-se a cada nova migração, para uma perfeição infinita como a do Criador.

“Só essa arrojada crença explicava, aos meus olhos, o soberbo desprendimento com o qual Jean e sua mãe encaravam esses terríveis problemas, que lançam tanta perturbação e tanta

perplexidade nas almas fracas, habituadas a ver na morte o nada ou o fim da *vida física*, ao passo que a morte não passa de um renascimento completo, que uma outra vida espera com suas novidades misteriosas.

“Mas, ai! não me era dado partilhar dessa crença. Eu via, com doloroso pavor, aproximar-se o dia fatal em que Jean seria julgado pela Corte dos Pares. Chegado esse dia, a senhora Raymond pediu-me que a acompanhasse a essa temível sessão; em vão eu quis dissuadi-la desse propósito, temendo que Jean fosse condenado à morte; contudo, não ousei exprimir-lhe minhas apreensões; ela adivinhou o meu pensamento. Meu caro senhor Duplessis, disse-me ela, o pai de meu filho morreu no cadafalso pela liberdade; enterrei-o piedosamente com as próprias mãos... se meu filho também deve morrer pela mesma causa, saberei cumprir o meu dever com mão firme... Credes que possam condenar Jean à morte?... Creio que não o podem condenar senão à imortalidade. (Textual). Dai-me o vosso braço, senhor Duplessis... Dominai a vossa emoção e vamos à Câmara dos Pares.

“Jean foi condenado à morte e devia ser executado dois dias depois. Fui vê-lo na prisão e esperava apenas ter a força de resistir a essa última e fúnebre entrevista. Quando entrei ele fazia, vigiado por um guarda, a sua toailete matinal, com um cuidado tão minucioso como se estivesse em sua casa. Veio a mim, estendendo-me as mãos; em seguida, olhando-me na face, disse-me com ansiedade: – Meu Deus! meu bom Fernand, como estás pálido!... Que tens, então? – O que tenho! Exclamei, desfazendo-me em lágrimas e atirando-me ao seu pescoço, tu mo perguntas! – Pobre Fernand! respondeu-me ele, emocionado com a minha comoção, acalma-te... coragem! – E és tu que me encorajas neste momento supremo! disse-lhe eu; mas, então, és dotado, como tua mãe, de uma força sobre-humana?

“– Sobre-humana!... não; tu nos honras muito, replicou sorrindo; mas minha mãe e eu sabemos o que é a morte... e ela não nos apavora... *Nossa alma muda de corpo, como nossos corpos mudam de roupa; vamos reviver alhures e esperar ou nos reunir aos que amamos...* Graças a esta crença, meu amigo, e à curiosidade de ver mundos novos, misteriosos; enfim, graças à consciência da realização próxima de nossas idéias e à certeza de deixar depois de si a memória de um homem honesto, tu o confessarás, a partida deste mundo nada oferece de tão pavoroso, ao contrário.”

“Jean Raymond não foi executado; sua pena foi comutada em prisão perpétua e ele foi transferido para a cidadela de Doullens.”

Bibliografia

O REGIMENTO FANTÁSTICO

Por Victor Dazur³⁵

Tomamos as passagens seguintes da apreciação crítica que o fez o *Siècle* da obra acima, em seu folhetim de 22 de junho de 1868:

“É uma espécie de romance filosófico, no qual a maior parte das questões que atualmente apaixonam os espíritos é tratada sob uma forma original e dramática; o espiritualismo e o materialismo, a imortalidade da alma e o nada, o livre-arbítrio e o fatalismo, a responsabilidade e a irresponsabilidade, as penas eternas e a expiação, depois a guerra, a paz universal, os exércitos permanentes, etc.

35 Um grosso volume in-12. Preço: 3 fr. 50 c.; pelo correio: 4 fr. Esta obra foi impressa em Lyon e não traz nenhum nome do editor; diz apenas que se encontra em todos os livreiros de Paris. Nós a adquirimos na Livraria Internacional, 15, boulevard Montmartre.

“Nem todas essas questões são discutidas com bastante método e profundidade, mas todas o são com uma certa erudição, com evidente boa-fé, quase sempre com graça, muitas vezes com espírito e por vezes com eloquência.

“Em suma, a obra é de um homem liberal, amigo do progresso, da perfectibilidade e do espiritualismo, amigo da paz, embora evidentemente militar.

“Aliás, eis como o autor fala de si mesmo:

“O autor, que neste livro tomou o nome de François Pamphile, tinha a insigne honra de ser cabo no exército francês, quando teve o estranho sonho que constitui o plano da obra que ides ler, se não tiverdes nada melhor para fazer. Mais tarde o nosso militar escreveu o seu sonho e depois se divertiu em o embelezar quando dispunha de tempo.”

“O *Regimento Fantástico*, de Victor Dazur, é, pois, um sonho, como o *Paris na América*, do Sr. Laboulaye, mas é um sonho que vos transporta a um mundo completamente imaginário.

“O cabo François Pamphile entra em sua caserna, depois de ter participado, com alguns camaradas, dos prazeres de uma festa pública em Paris. Saturado de barulho, de música, de espetáculos ao ar-livre, de iluminações, de fogos de artifício, o estômago bem cheio e a consciência tranqüila, não tendo querela com ninguém, nem ferindo com seu sabre a nenhum *civil*, cai em profundo sono. Ao cabo de um tempo que não pode avaliar, parece-lhe que seu leito é levantado, como se estivesse suspenso a um balão, à guisa de nacela.

“Abre os olhos e se vê no espaço; um panorama móvel se desdobra abaixo dele; vê desaparecer Paris, depois o campo, a Terra. Parece-lhe fazer um das viagens aerostáticas do nosso colaborador Flammation, de quem se declara assíduo leitor, e do

qual louva com entusiasmo o belo livro espiritualista que tem por título a *Pluralidade dos Mundos Habitados*.

“De repente, falta-lhe o ar; sufoca; mas entra numa outra atmosfera; retoma a respiração; percebe um outro globo, que seus estudos astronômicos o fazem reconhecer como o planeta *Marte*. Sente-se atraído para este planeta, cujo globo cresce rapidamente aos seus olhos. Treme, nele caindo por força das leis da gravidade, temeroso de ser esmagado. Receia um choque terrível; mas não! Ei-lo estendido sobre uma espessa relva, aos pés de árvores maravilhosas, cheias de pássaros não menos maravilhosos.

“Julga-se num mundo novo, passado do grau de cabo ao de primeiro homem. Chama uma Eva. É a canção do *Rei Dagoberto* que lhe responde.

“A admiração do bom cabo redobra ao ver que o cantor é um grande folgazão, revestido com o uniforme de sargento-mor da infantaria de linha francesa.

“– Quem sois vós? perguntou o sargento, com o ar tão surpreso quanto ele.

“– Major, responde François Pamphile, sou o cabo; venho do planeta Terra, que deixei involuntariamente esta noite; e gostaria que me dissésseis o nome do planeta onde caí.

“– Por Deus! Este planeta é Soraï-Kanor.

“– Soraï-Kanor?... Eu supunha que fosse o planeta Marte. Parece que me enganei.

“– Não vos enganastes. Apenas nosso planeta, que os terrícolas chamam Marte, é chamado por nossos astrônomos de Soraï-Kanor.

“O cabo admira-se de que o sargento saiba o nome dado pelos habitantes da Terra ao seu planeta. Mas o sargento lhe disse que só deixou a Terra depois de sua morte terrestre e que lá era rei da França.

“A esta resposta inesperada, o cabo se descobre, isto é, tira o boné de algodão que tem sobre a cabeça.

“O rei sargento-mor lhe diz que não lhe preste tantas honras, pois que não passa de um simples sub-oficial. Na Terra ele se chamava Francisco I; em Marte ele pertence ao *regimento fantástico*, um regimento composto da maioria dos soberanos que reinaram no globo terrestre. O coronel é Alexandre, o Grande; o tenente-coronel, Júlio César (que, a bem dizer, não reinou), e o major, Péricles (que reinou menos ainda). O regimento conta três batalhões, e cada batalhão oito companhias. O comandante do primeiro batalhão é Sesóstris, e o subcomandante Átila; O comandante do segundo batalhão, Carlos Magno, e o subcomandante, Carlos V; o comandante do terceiro batalhão, Aníbal, e o subcomandante, Mitrídates.

“Cada companhia é composta dos soberanos de uma mesma nação. A companhia francesa é a primeira do segundo batalhão e tem como capitão Luís XIV, o que prova, possivelmente, que o favor domina em Marte, como na Terra; porque Francisco I, que é apenas sargento-mor, seguramente era maior capitão que Luís XIV, e ainda tinha a ancianidade a seu favor.

“As cantineiras do regimento fantástico são Semíramis, Cleópatra, Elisabeth, Catarina II. Assim como todos os oficiais e soldados do regimento são antigos soberanos ou homens que exerceram a soberania, todas as cantineiras e as servas da cantina são antigas soberanas. Os músicos são antigos compositores: Beethoven, Mozart, Glück, Piccini, Haydn, Bellini. O regimento não adotou o uniforme francês senão depois do reinado de Napoleão I, cujas campanhas entusiasmaram Alexandre, o Grande.

Depois, o regimento seguiu todas as variações de nosso costume militar, o que não diz pouco. Foi também a partir do reinado de Napoleão I que a língua francesa foi adotada como língua regulamentar do regimento. Contudo, não foi sob o Império que a língua francesa brilhou mais. Aliás o vencedor de Austerlitz não está no número dos militares do regimento fantástico. Não está em Marte; talvez esteja num mundo superior, talvez num mundo inferior: Francisco I o ignora.

“Outros soberanos jamais figuraram no regimento fantástico; outros o deixaram após milhares de séculos de serviços. O regimento nunca muda de guarnição e jamais faz guerra. É uma espécie de regimento penitenciário no qual os soberanos, homens e mulheres, são postos para expiar os crimes que cometeram em seus reinados.

“Ainda bem; mas os músicos Beethoven, Mozart e os outros, que crimes cometeram para serem retidos nesse regimento expiatório? É o que o autor esquece de explicar.

“O suplício habitual dos militares e das cantineiras do regimento é o suplício de Tântalo. Os guerreiros que, na Terra, se compraziam no sangue e na carnificina, guardaram seus instintos belicosos, que o som do clarim desperta sem cessar e que os exercícios e os simulacros de combate superexcitam, sem que jamais lhes seja possível satisfazer, porquanto o poder divino, que na Terra permite a guerra, o interdita em Marte.

“Os voluptuosos e as voluptuosas sofrem um suplício semelhante. Todos, homens e mulheres, conservam a beleza de que gozavam na época mais bela de sua vida, mas estão submetidos a uma condição fisiológica que os condena a uma castidade absoluta.

“Outro castigo, que os desola ainda mais, é o suplício das lembranças. Uma memória extraordinariamente lúcida lhes recorda os atos de sua vida terrestre. Só uma ocupação contínua os

distrai; mas a disciplina é rigorosa; a cada instante são condenados à sala de polícia, à prisão ou à *sala das lembranças*. Na sala de polícia e na prisão ainda lhes permitem algumas distrações, mas na sala das lembranças não lhes permitem nenhuma. Lá se encontram encerrados no meio de todos os instrumentos de suplício e de tortura empregados em seus reinados; nas paredes são pintados a fresco todos os sofrimentos e todos os assassinios ordenados pelos reis.

“Quando Luís XI está encarcerado na sala das lembranças, é posto numa gaiola de ferro, em uso no seu reinado, e colocado em frente ao cadafalso de Nemours, do qual o sangue goteja sobre a cabeça de seus filhos. Felipe, o Belo, é estendido sobre uma fogueira, de onde vê os suplícios dos templários. Fernando, o Católico, é amarrado a um cavalete, com a cabeça voltada para um auto-de-fé.

“Nosso cabo ouve Nero se queixar nestes termos ao seu camarada Calígula:

“– Três quartos do tempo sou punido com detenção ou na sala de polícia. Se reclamo contra uma punição, esta me é aumentada. Quando não estou na sala de polícia, estou no pelotão de castigo, e quando não estou no pelotão de castigo, estou na faxina do quartel. Enfim, sou acabrunhado por vexames de toda espécie, sem contar meus outros sofrimentos. Isto já dura muitos séculos. Quando acabará?”

“– Mas este vosso regimento fantástico é um inferno, diz o bom Pamphile a Francisco I.

“– Não, responde-lhe este, porque as penas aqui não são eternas. O Grande Desconhecido, que é a justiça suprema, não profere condenações eternas, uma vez que *faltas finitas, por maiores que fossem, não poderiam acarretar penas infinitas*. Nosso planeta e alguns outros não são infernos, mas purgatórios, onde os homens,

numa ou em várias existências sucessivas, pagam *as dívidas morais que contraíram numa existência anterior*.

“Conversando assim, ora com o sargento-mor Francisco I, ora com o simples soldado Carlos V, ora com seu colega, o cabo Carlos VII, o cabo Pamphile recebe instruções e revelações sobre o que interessa à Humanidade no mais alto grau. Enfim, numa audiência que lhe concede o coronel Alexandre, o Grande, no círculo dos oficiais, o antigo conquistador lhe expõe um projeto de congresso internacional universal, encarregando-o de o propor à Terra, a fim de estabelecer, para sempre, em nosso globo, a paz, a concórdia e a fraternidade.

“Meu coronel, exclama Pamphile entusiasmado, vosso projeto é tão lógico, parece-me de tal modo indispensável e a idéia em si é tão natural, que me parece que assim que for conhecido na Terra todos dirão: Como é possível que não se tenha pensado mais cedo em estabelecer um congresso universal?

“Em que pese a esperança do bom cabo, duvidamos que os diferentes governos do nosso planeta se apressem em acolher o projeto de Alexandre; mas o congresso da paz, que se reunirá em Berna em setembro próximo, não pode deixar de o levar em consideração. Nós o recomendamos especialmente ao relator encarregado de estudar qual poderia ser a constituição dos *Estados Unidos da Europa*.”³⁶

E.-D. de Biéville

36 **N. do T.:** Notável previsão do surgimento da Comunidade Econômica Européia, instituição criada pelo Tratado de Roma, em 1957, e que hoje agrupa boa parte dos países europeus. De fato, a circulação de mercadorias e de naturais desses países é livre, já circula uma moeda comum, o euro, e já se parte para a elaboração de uma constituição supra-nacional que contemple os interesses coletivos do povo europeu. Assim, muitos sonhos dos chamados “visionários” não passam da antecipação de fatos que se verificarão num futuro mais ou menos remoto, atestando a realidade da lei do progresso ou de evolução, um dos princípios fundamentais do Espiritismo.

Se o Sr. Victor Dazu (por certo esse nome deve ser um pseudônimo) inspirou-se na *Pluralidade dos Mundos Habitados*, do Sr. Flammarion, do qual se declara leitor assíduo, também respigou largamente nas obras espíritas. Salvo o quadro de que se serviu, sua teoria filosófica das penas futuras, da pluralidade das existências, do estado dos Espíritos desprendidos do corpo, da responsabilidade moral, etc., evidentemente é colhida na Doutrina Espírita, da qual não só reproduz a idéia, mas, muitas vezes, até a forma.

As passagens seguintes não podem deixar dúvida sobre este ponto:

“Tu sonhas, meu amigo, pensei eu; tu sonhas! Todos esses soberanos da Terra, que recomeçam uma nova existência no planeta Marte, esse gênio diáfano e de asas azuis, tudo isto cheira a Espiritismo... E, contudo, quando estás desperto, não acreditas nessa invenção. Depois, dirigindo-me a Francisco I, eu lhe disse:

“– Major, vem-me ao espírito uma idéia singular; esta idéia me faz supor que tudo quanto vejo e tudo quanto ouço, desde que aqui cheguei, não passa do efeito de um sonho. Dizei, por favor, a vossa opinião. Pensais, como eu, que eu sonho?”

“– Mas não! não sonhais, respondeu-me Francisco I com um ar tão indignado como se eu lhe tivesse feito uma pergunta muito estúpida. Não, não sonhais! Se sonhásseis, desfilariam diante do vosso espírito uma porção de quimeras sem pé nem cabeça. Os acontecimentos de que sereis testemunha não teriam entre si nenhuma relação razoável.

“– Mas não é tudo, major. O que ainda me faz crer que sonho, é que me apalpei e não encontrei o corpo... Apalpo-me ainda agora, e também não me encontro. Todavia, sinto-me viver e me vejo braços e pernas. Desnecessário dizer que sendo impalpáveis esses braços e pernas, não passam de aparências fantásticas. Eu bem poderia explicar essas aparências, mas para isto

seria preciso, a mim que não creio no Espiritismo, admitir certa teoria espírita que, verdadeira ou falsa, é, em todo o caso, muito engenhosa.

“Essa teoria pretende que o Espírito de um corpo é rodeado de um *perispírito*, isto é, de um invólucro semimaterial, que pode tomar a forma desse corpo e tornar-se visível em certos casos. Uma vez admitido o perispírito, a mesma teoria pretende que um indivíduo pode ser visto algumas vezes e no mesmo instante em dois lugares, mesmo muito afastados um do outro, o corpo dormindo num lugar e a aparência do corpo, isto é, o perispírito, agindo em outra parte.

“Se esta asserção é verdadeira, eu estaria pondo em prática a teoria de que acabo de falar. Poder-se-ia ver neste momento meu corpo a dormir em Paris, enquanto vedes o meu perispírito como se fosse o meu corpo. Mas eu só acreditaria numa coisa tão extraordinária se ela fosse provada.

“Seria ainda adotar o Espiritismo, que admite como real essa reunião de potentados, realizada aqui, como pretendem, para expiar os erros que cometeram quando estavam na Terra.

“– Se quiserdes, disse-me Francisco I, não acrediteis no que tendes diante dos olhos. Suponde por um momento que, em vez de estar neste planeta, estejais no domínio ideal da razão, e dissei-me se acreditais que os homens que fazem o mal, seja qual for a sua posição na sociedade, podem estar isentos do purgatório depois de sua vida terrena? – Major, não sei que responder. – Mas eu sei o que pensais. Pensais que o purgatório existe, não importa onde, mas apenas para as pessoas que ocupam os graus mais elevados da escala social. E o que vos leva a pensar assim, é que as faltas das pessoas altamente colocadas no mundo são muito mais aparentes que as dos simples particulares. Mas ides modificar imediatamente esta idéia, pensando que, para o Ser Supremo, não

há faltas ocultas. Com efeito, o Grande Desconhecido vê constantemente na Terra simples particulares que, relativamente, fazem tanto mal na sua pequena esfera de ação, quanto o fazem, em seus Estados, certos tiranos manchados pela História. Os simples particulares de que falo, em vez de exercerem sua tirania num reino, a exercem em sua família e em seu círculo, fazendo sofrer sem piedade mulher, filhos e subordinados. Esses tiranetes só têm uma preocupação: gozar a vida, escapando ao código penal do país em que habitam. Ora, eu vos pergunto, credes que esses malfeitores, que às vezes passam por criaturas virtuosas, aos olhos de quem quer que não lhes conheça a vida, digo eu, que esses malfazejos logo sejam transportados a uma morada de delícias? – Não, não creio. – Não admitis que, fazendo o mal, contraíam uma certa dívida moral? – Sim, major, eu o admito. – Pois bem! então não vos deveis admirar de que certos planetas sejam verdadeiros purgatórios, nos quais os homens, *em uma ou em várias existências, paguem as dívidas contraídas numa existência anterior.*

“– Mas, major, os sofrimentos que todo homem experimenta no curso de sua vida não pagam suficientemente o mal que pode fazer desde a idade da razão até a morte?”

“Isto só se daria com pequeno número de indivíduos, porque, o mais das vezes, o mal que um homem faz recai sobre certo número de seus semelhantes, o multiplica tanto mais a soma do mal pessoal e torna quase sempre a dívida tão grande que esse homem não poderia pagá-la no decorrer de sua curta existência. Ora, *quando não se pôde pagar suas dívidas numa vida, forçosamente se deve pagá-las em outra,* porquanto, no caso de dívidas criminais, o Grande Desconhecido dispôs as coisas de maneira que não haja bancarrota possível.

“Admitido isto, admitireis também que é impossível que monstros como Nero, Calígula, Heliogábulo, Bórgia e tantos outros, cujos crimes não podem ser enumerados, tenham podido

pagar semelhantes dívidas pelo pouco mal que sofreram em vida. Ora, de duas uma: Ou esses homens caíram no nada, ao morrerem, ou recomeçaram uma nova existência. Se se admitir que tivessem caído no nada, admite-se muito naturalmente que devem ter fracassado completamente. Convireis que a idéia de semelhante bancarrota revolta o espírito, ao passo que se se admitir que cada um recomeçou uma nova existência, o espírito se acha satisfeito ao pensar que *essas novas vidas não poderão ser senão existências de expiação ou, melhor dizendo, de purificação*.³⁷

“– Major, não é mais simples admitir a danação eterna para os monstros de que falais? – Convenho que é mais simples, mas não mais lógico. A lógica, que deve ser a alma da justiça, recusa admitir a danação eterna, porque *faltas finitas não poderiam merecer castigos infinitos*.”

Segue uma dissertação das mais interessantes e das mais lógicas que lemos contra o inferno e as penas eternas, sobre a justiça da proporcionalidade das penas e sobre a doutrina do trabalho, mas a sua extensão não nos permite reproduzi-la.

“– Major, diz o cabo Pamphile, eu vos farei notar que a negação do inferno eterno, assim como a proporcionalidade das penas, é o fundo mesmo da doutrina dos espíritos. Ora, eu já vos disse que não creio no Espiritismo. – Então... acreditai no inferno eterno, se isto vos dá prazer.”

37 Se o efeito da injustiça ou do mal que um homem comete em relação a um outro homem detém-se no indivíduo, a necessidade da reparação será individual; mas se, em consequência, esse mal prejudica pouco a pouco a centenas de indivíduos, sua dívida será centuplicada, porque serão centenas de reparações a realizar. Quanto mais vítimas tiver feito, direta ou indiretamente, maior o número dos que lhe pedirão contas de sua conduta. Como a responsabilidade e o número de reparações aumentam com a extensão da autoridade de que se é investido, somos responsáveis por indivíduos que jamais conhecemos, mas que, nem por isso, sofreram menos as consequências dos nossos atos.

Entre os soberanos que o cabo Pamphile encontra no planeta Marte, há os que viviam no tempo do dilúvio, reis da Assíria, ao tempo da torre de Babel, faraós do tempo da passagem do mar Vermelho pelos hebreus, etc. E cada um dá sobre esses acontecimentos explicações que, em sua maioria, têm o mérito, se não da prova material, ao menos o da lógica.

Em suma, o quadro escolhido pelo autor para emitir suas idéias é feliz, até mesmo a sua negação do Espiritismo, que leva, em última análise, a uma afirmação indireta. Diremos, como o *Siècle*, que sob uma forma aparentemente leve, todas as questões aí são tratadas com certa erudição, com evidente boa-fé, quase sempre com graça, muitas vezes com espírito e por vezes com eloqüência. Acrescentaremos que, não conhecendo o autor, se este número lhe cair nas mãos, desejamos que aqui encontre a expressão de nossas sinceras felicitações, porque fez um livro interessante e muito útil.

CONFERÊNCIAS SOBRE A ALMA

Pelo Sr. Alexandre Chaseray³⁸

São inumeráveis as obras modernas nas quais o princípio da pluralidade das existências é afirmado casualmente. Mas a de que falamos nos parece uma destas em que ele é tratado da maneira mais completa. O autor se empenha, além disso, em demonstrar que a idéia cresce e se impõe cada dia mais aos espíritos esclarecidos.

Nos fragmentos que transcrevemos a seguir, as notas são do autor.

“A transmigração das almas, diz o Sr. Chaseray, é uma idéia filosófica ao mesmo tempo das mais antigas e das mais novas.

38 Pequeno volume in-12. Preço: 1 fr. 50; pelo correio, 1 fr. 75. Casa Germer-Baillièrre, 17, rue de l'École-de-médecine.

A metempsicose constitui o fundo da religião dos hindus, religião muito anterior ao judaísmo, e Pitágoras pôde receber esta crença dos Brâmanes, a ser verdade que ele tenha estado na Índia; mas é mais provável que a tenha trazido do Egito, onde viveu muito tempo. A civilização reinava às margens do Nilo alguns milhares de anos antes do nascimento de Moisés e, no dizer de Heródoto, os sacerdotes egípcios foram os primeiros a anunciar que a alma é imortal e que passa sucessivamente por todas as espécies de animais, antes de entrar num corpo humano.

“Por seu lado, os gregos jamais abandonaram completamente a metempsicose. Os que entre eles não admitiam por inteiro a doutrina de Pitágoras, acreditavam vagamente com Platão que a alma imortal tinha existido em algum lugar, antes de se manifestar sob a forma humana, ou acreditavam no rio Letes e no renascimento do homem na Humanidade. Entre os primeiros cristãos, muitos neófitos entendiam conservar de seus antigos dogmas o que lhes parecia bom; os maniqueus, por exemplo, tinham conservado os dois princípios do bem e do mal e a migração das almas; é assim que, vindo os heresiarcas a se multiplicarem, os Pais e os Concílios tiveram muito a fazer para reconduzir os espíritos a uma fé uniforme. Definitivamente vitoriosa, a Igreja apostólica banuiu de seu império a metempsicose, que foi substituída pelo dogma do julgamento irrevogável e da divisão dos homens em eleitos e danados. O purgatório foi introduzido mais tarde, como corretivo de uma decisão extremamente inflexível.

“Assim como não considere muito como um progresso o espiritualismo de Santo Tomás, do qual não se vê nenhum traço nos livros santos, também ainda não julgo feliz, nem conforme a antiga doutrina do pecado original, que estabelece uma solidariedade tão estreita entre todas as gerações de homens, a afirmação dogmática que consiste em dizer que a existência de cada um de nós não tem raízes no passado e conduz a um paraíso ou a

um inferno eternos. Em minha opinião, eis aí uma heresia filosófica, contra a qual o espírito moderno reage com força.

“Reaparece de todas as partes a transmigração das almas. Mas, em nossos dias, geralmente se concebe uma metempsicose mais larga do que aquela cuja crença atribuíam aos Antigos. O espírito de indução, tendo transposto os limites da Terra, e reconhecido nos sóis e nos planetas mundos habitados, não mais limitou os destinos do homem ao globo terrestre. Em lugar de ver a alma percorrendo incessantemente o círculo das plantas, dos animais e da espécie humana, ou renascendo constantemente na Humanidade, foi possível imaginá-la alçando seu vôo para mundos infinitos.³⁹

“Não tenho senão o embaraço da escolha no caso de citações, para mostrar que a fé tem uma série de existências, umas anteriores, outras posteriores à vida presente, crescendo e se impondo cada dia mais aos espíritos esclarecidos.

“Comecemos por Jean Reynaud. Esse filósofo insiste na ligação natural que apresentam as duas idéias de preexistência e de vida futura.

39 Era tão natural aproveitar a oportunidade gloriosa aberta à alma pelas descobertas astronômicas, que não posso crer que a metempsicose de Pitágoras tenha sido realmente o que dela pensava o vulgo. Porque Pitágoras conhecia o verdadeiro sistema do mundo; o duplo movimento de rotação e de translação da Terra; a imobilidade relativa do Sol; a importância das estrelas fixas, cada uma das quais é um Sol e o centro de um grupo de planetas, muito provavelmente habitados; a marcha e a volta dos cometas: nada de tudo isto era ignorado por Pitágoras. Esse filósofo, instruído pelos sábios sacerdotes egípcios, que não revelavam seus segredos senão a um pequeno número de iniciados, julgou por bem dever, a exemplo deles, guardar segredo sobre esta parte de sua ciência. Um de seus discípulos, menos escrupuloso, a divulgou; mas como faltaram as provas e as verdades se achavam perdidas no meio de erros e de divagações místicas, a revelação passou despercebida. Não basta emitir uma idéia justa; é preciso saber fazer aceitá-la. Assim, Copérnico e Galileu, os vulgarizadores do verdadeiro sistema cosmológico, são considerados como os seus inventores, embora a noção primeira se perca na noite dos tempos.

“Se se examinasse, diz ele, todos os homens que passaram sobre a Terra, desde que a era das religiões cultas aí começou, ver-se-ia que a grande maioria viveu na consciência mais ou menos fixa de uma existência prolongada por vias invisíveis, aquém e além dos limites desta vida. Com efeito, aí há uma espécie de simetria tão lógica que deve ter seduzido as imaginações à primeira vista; o passado aí faz equilíbrio ao futuro, e o presente não é senão o pivô entre o que já não é e o que ainda não é. O platonismo despertou esta luz precedentemente agitada por Pitágoras e dela se serviu para esclarecer as mais belas almas que honraram os tempos antigos.⁴⁰

“Esse julgamento de Jean Reynaud se acha plenamente confirmado pela nota seguinte de Lagrange, o elegante tradutor do poema de Lucrécia:

“De todos os filósofos que viveram antes do Cristianismo, nenhum sustentou a imortalidade da alma sem estabelecer previamente a sua preexistência; um desses dogmas era considerado como conseqüência natural do outro. Acreditava-se que a alma devia existir sempre, porque sempre tinha existido; e, ao contrário, estavam persuadidos de que, concordando que ela tinha sido gerada com o corpo, não se tinha mais o direito de negar que ela devesse morrer com ele. ‘– Nossa alma, diz Platão, existia em algum lugar antes de estar nesta forma de homens; eis por que não duvido que ela seja imortal.’

“O velho druidismo, prossegue o autor de *Terra e Céu*, fala ao meu coração. Esse mesmo solo que hoje habitamos comportou antes de nós um povo de heróis, que estavam todos habituados a se considerar como tendo experimentado o Universo de longa data, antes de sua encarnação atual, fundando assim a esperança de sua imortalidade na convicção de sua preexistência.”

“Um dos nossos melhores historiadores também faz rasgados elogios ao principal ensino dos druidas; Henri Martin é de opinião que os nossos pais, os gauleses, representavam no mundo antigo ‘a mais firme, a mais clara noção da imortalidade que jamais houve.’⁴¹

“Por sua vez, diz Eugène Sue sobre a fé druídica:

“Segundo esta crença sublime, o homem imortal, espírito e matéria, vindo de baixo e indo para o alto, transitava por esta Terra, aqui habitava passageiramente, como tinha habitado e devia habitar essas outras esferas que brilham, inumeráveis, no meio dos abismos do espaço.”⁴²

“Já no século dezessete dizia Cyrano de Bergerac, a exemplo dos sacerdotes gauleses:

“Morremos mais de uma vez; e como não somos senão partes deste Universo, mudamos de forma para retomar a vida alhures, o que não é um mal, mas um caminho para aperfeiçoar o ser e para chegar a um número infinito de conhecimentos.”

“Vários de nossos contemporâneos, contudo, sem parecer inspirar-se nos druidas, também anunciam que o destino da alma é viajar de mundos a mundos.

41 *Histoire de France*, 4ª edição, tomo I.

42 (Folhetim da *Presse*, de 19 de outubro de 1854).

Nem todos os autores antigos desconhecaram o lado belo da religião dos druidas, como testemunham esses versos de Lucain:

Vobis auctoribus, umbrae

Non tacitas Erebi sedes, Ditisque profundi

Pallida regna petunt: *regit idem spiritus artus*

Orbe alio: longae (canitis si cognita) vitae

Mors media est.

“Segundo vós, druidas, as sombras não descem às silenciosas regiões do Erebo, aos pálidos reinos do deus do abismo. *O mesmo Espírito anima um novo corpo em outra esfera. A morte (se os vossos hinos contêm a verdade) é o meio de uma longa vida.*”

“Lê-se, por exemplo, na *Profissão de fé do século dezanove*, de Eugène Pelletan:

“Pela irresistível lógica da idéia, creio poder afirmar que a vida mortal terá o espaço infinito como lugar de peregrinação... O homem irá, pois, sempre de sol a sol, subindo sempre, como na escada de Jacó, a hierarquia da existência, passando sempre, segundo seu mérito e o seu progresso, de homem a anjo, de anjo a arcanjo.”

“E na *Renovação Religiosa*, do Sr. Patrice Larroque, antigo reitor da Academia:

“Pode-se conjecturar que a maior parte dos outros globos que se movem no espaço, alberguem, como na Terra, seres organizados e animados, e que esses globos sejam os sucessivos teatros de nossas vidas futuras.”

“Lamennais exprime a idéia do renascimento de uma maneira absolutamente precisa, embora mais restrita:

Diz ele: “Estando realizado o progresso possível ao indivíduo sob sua forma orgânica atual, ele devolve à massa elementar esse organismo gasto, revestindo um outro mais perfeito.”⁴³

“Assinalemos, ainda, o traço seguinte do discurso pronunciado pelo Sr. Guérault, do *Opinion nationale*, junto ao túmulo do pai Infantin:

“Ninguém foi mais religioso que Infantin; ninguém viveu tanto quanto ele em presença da vida eterna, da qual esta vida, que nos escapa a cada instante, não é senão uma das inumeráveis etapas.

43 *Da sociedade primitiva e de suas leis*, livro III.

“Um dos nossos mais célebres romancistas dá a pensar que acredita na passagem dos seres inferiores nas espécies superiores e, nomeadamente, dos animais à Humanidade:

“Explique quem quiser, diz George Sand, essas afinidades entre o homem e certos seres secundários da Criação. Elas são tão reais quanto as antipatias e os terrores insuperáveis que nos inspiram certos animais inofensivos... É talvez que todos os tipos, repartidos cada um especialmente em cada raça de animais, se encontrem no homem. Os fisionomistas têm constatado semelhanças físicas; quem pode negar as semelhanças morais? Não há entre nós raposas, lobos, leões, águias, besouros e moscas? A grosseria humana é muitas vezes baixa e feroz, como o apetite do porco...”

“George Sand se mostra mais explícita a respeito da migração das almas, nas seguintes linhas da mesma obra:⁴⁴

“Se não devemos aspirar à beatitude dos Espíritos puros da região das quimeras, se devemos sempre entrever, além desta vida, um trabalho, um dever, provações e uma organização limitada em suas faculdades em frente ao infinito, pelo menos nos é permitido pela razão e nos é ordenado pelo coração, contar com uma série de existências progressivas, em razão dos nossos bons desejos... Podemos considerar esta Terra como um lugar de passagem e contar com um despertar mais suave no berço que nos espera alhures. De mundos em mundos, podemos, desprendendo-nos da animalidade que aqui neste mundo combate o nosso espiritualismo, tornar-nos próprios para revestir um corpo mais puro, mais adequado às necessidades da alma, menos combatido e menos entravado pelas enfermidades da vida humana, tal qual a suportamos na Terra.

“Citemos ainda um romancista, Balzac. Os romancistas desta ordem, assim como os poetas excepcionais, abordam as mais

44 *História de minha vida.*

elevadas questões e sabem semear traços profundos em seus escritos de uma forma leve e agradável. É assim que em *Os Miseráveis*, Victor Hugo deixa cair de sua pena esta vaga interrogação: ‘De onde viemos? é bem certo que nada fizemos antes de termos nascido?’ É somente pensando nisto, e sem idéia preconcebida de sustentar uma tese filosófica, que o autor da *Comédia Humana* fala das existências sucessivas. Por isso não posso senão captar este pensamento em vários de seus romances.

“Eis, por exemplo, algumas linhas de *O lírio do vale*:

“O homem é composto de matéria e de espírito; a animalidade vem terminar nele e nele começa o anjo. Daí essa luta que experimentamos todos entre um destino futuro, que pressentimos, e as lembranças de nossos instintos exteriores, dos quais não nos desligamos inteiramente: um amor carnal e um amor divino.”

“E encontro em *Séraphita*, esse romance místico, no qual Balzac expõe com um interesse e um encanto tão poderosos a doutrina religiosa do sueco Swedenborg:

“As qualidades adquiridas e que se desenvolvem lentamente em nós são laços invisíveis que ligam cada uma de nossas *existências* uma à outra.

“Enfim, nos *Comediantes sem o saber*, a sibila, senhora Fontaine, pergunta a Gazonal:

“– Que flor amais?”

“– A rosa.

“– De que cor gostais?”

“– Do azul.

“– Que animal preferis?”

“– O cavalo. Por que estas perguntas? pergunta ele por sua vez.

“– O homem se liga a todas as formas por seus estados anteriores, diz ela sentenciosamente; daí vêm os seus instintos, e os seus instintos dominam o seu destino.”

“Michelet testemunha sua simpatia pelas mesmas idéias, quando chama o cão um *candidato à Humanidade*, e quando diz, falando dos pássaros:

“Que são eles? almas esboçadas, almas especializadas ainda em tais funções da existência, candidatos à vida mais geral e mais vastamente harmônica, a que chegou a alma humana.”⁴⁵

“Pierre Leroux não crê que o homem tenha passado pelos tipos inferiores dos animais e das plantas. Segundo ele, os indivíduos se perpetuam no seio da espécie e o homem renasce indefinidamente na Humanidade. A solidariedade entre todos os membros da família humana então é evidente; *o bem que um homem faz aos seus semelhantes redundando em seu proveito, desde que deles não se separa pela morte, senão para logo voltar a misturar-se a eles.* Sustentando a perpetuidade do ser no seio da espécie, Pierre Leroux afasta-se dos autores que acabo de citar e não encontra muitos aprovadores.⁴⁶ Mas não deixa de ser um ardente defensor da idéia geral e de uma importância extrema, que liga a vida atual a uma série de existências.

45 *O Pássaro*.

46 Goethe parecia partilhar desta maneira de ver, quando exclamava em uma de suas cartas à encantadora senhora de Stein: “Por que o destino nos ligou tão estreitamente? Ah! em tempos passados, tu foste minha irmã ou minha esposa! Conheceste os meus menores traços, e espreitaste a mais pura vibração de minhas fibras, soubeste ler-me num olhar, a mim, que um olhar humano dificilmente penetra!” (*Revue germanique*, dezembro de 1865).

Victor Meunier não está longe de crer também no renascimento do homem na Terra: “A sorte dos que vierem depois de nós, diz ele, não me encontra indiferente, longe disto! Assim como não me está demonstrado que nós não nos sucederemos a nós mesmos.” (*A Ciência e os sábios* em 1865, 2º semestre.)

Depois de ter dito que a criança, vindo ao mundo, não é, como pretendia a escola de Locke, *uma tábua rasa*, e que é injuriar a Divindade supor que ela tire do nada novas criaturas, que embeleza ao acaso com seus dons, ou fere ao acaso com a sua cólera, Pierre Leroux conclui por estas palavras:

“Assim, é preciso que se admita necessariamente o sistema indeterminado das metempsicoses, ou o sistema determinado do renascimento na Humanidade, que eu sustento.⁴⁷

“Estou longe de repelir de maneira absoluta o sistema de renascimento na Humanidade; mas a Humanidade teve um começo, posterior mesmo ao da maioria das espécies animais e vegetais que cobrem o nosso globo; a Humanidade terá um fim; e, desde que a alma não perece, é preciso que o ser permanente, o *eu*, mergulhe suas raízes alhures que não na Humanidade, e encontre seu desenvolvimento futuro alhures que não na Humanidade, forma transitória.”

As numerosas citações que faz o autor, e que estão longe de ser completas, provam quanto é geral a idéia da pluralidade das existências e que em pouco terá passado ao estado de verdade incontestável. Sobre outros pontos, ele se afasta completamente da Doutrina Espírita; estamos longe de partilhar sua opinião sobre todas as questões que trata em seu livro, notadamente no que concerne à Divindade, à qual ele atribui um papel secundário, e a natureza íntima da alma, cuja espiritualidade contesta. Seu sistema é uma espécie de panteísmo, que ladeia o Espiritismo, e parece ser um termo médio para certas criaturas que não querem o ateísmo, nem o niilismo, nem o espiritualismo dogmático. Por mais incompleto que seja, não deixa de ser um progresso notável sobre as idéias materialistas, das quais está muito mais afastado do que das nossas. Salvo alguns pontos muito controvertidos, a obra contém vistas muito profundas e muito justas, às quais o Espiritismo não poderá senão associar-se.

⁴⁷ Da *Humanidade*.

Instruções dos Espíritos

QUE FIZERAM DE MIM?

Extraímos a comunicação seguinte do jornal espírita *Salut*, que se publica em Nova Orleães, número de 1^a de junho de 1868:

– Filhos, eu vos escrevi: “Quando vossa boa união me chamar, virei a vós.” E como vossa boa união me chamou eis-me aqui.

Eis-vos agora como meus apóstolos de outrora. Fazei como os bons e não façais como os maus; que ninguém renegue, que ninguém traia! Ides sentar-vos à mesma mesa que reunia os amigos da minha fé e de meu coração; que ninguém seja nem Pedro, nem Judas!

Ó meus bons filhos, olhai em torno de vós e vedes! Minha cruz, o instrumento glorioso de meu vil suplício, domina os edifícios da tirania... e eu, eu não tinha vindo senão para pregar a liberdade e a felicidade. Com a minha cruz, afogaram os corpos no sangue e as consciências na mentira! Com a minha cruz, disseram aos homens: “Obedecei aos vossos mestres; curvai-vos diante dos opressores!” E eu dizia: “Sois todos filhos de um mesmo pai, sem distinção, a não ser a de vossos méritos, resultante da vossa liberdade.”

Eu tinha dito aos grandes: “Humilhai-vos!” e aos pequenos: “Levantai-vos!” e exaltaram os grandes e rebaixaram os pequenos.

Que fizeram de mim, de minha memória, de minha lembrança, de meu apostolado? Um sabre! – Sim, e há ainda os que se fizeram agentes desta infâmia!... Oh! se se pudesse sofrer na morada celeste, eu sofreria!... e vós, vós deveis sofrer... e deveis estar prontos a tudo para a redenção que comecei, ainda que não

fosse senão para arvorar sobre a mesma montanha o mesmo sinal de união!... Será visto e compreendido, e deixarão tudo para o defender, para o abençoar, para o amar.

Filhos, ide para o céu com a fé, e a Humanidade inteira vos seguirá sem medo e com amor! Logo sabereis, na prática, o que é o mundo, se a teoria não vos tiver ensinado.

Tudo quanto vos foi dito para a prática do verdadeiro Cristianismo não é senão a sombra da verdade! O triunfo que vos espera está tão acima dos triunfos humanos e dos vossos pensamentos, quanto as estrelas do céu estão acima dos erros da Terra!

Oh! quando eles virem como Tomé! Quando tiverem tocado!... Vós vereis! vereis! As paixões vos criarão obstáculos, depois vos socorrerão, porque serão as boas paixões após as más paixões.

Pensai em mim, quando fordes partir o meu pão e beber o meu vinho, dizendo que arvorais, para a eternidade, a bandeira dos mundos... Oh! sim, dos mundos, porque ele unirá o passado, o presente e o futuro a Deus.

Jesus

O jornal publica esta comunicação sem informar quanto às circunstâncias em que foi obtida. Parece, contudo, que deve ter sido numa festa comemorativa da ceia, ou de alguma ágape fraterno entre os adeptos. Seja como for, ela traz, na forma e no fundo dos pensamentos, na simplicidade aliada à nobreza do estilo, um cunho de identidade que não se poderia desconhecer. Atesta, da parte dos assistentes, disposições capazes de lhes merecer esse favor, e não podemos senão felicitá-los. Pode-se ver que as instruções dadas na América sobre a caridade e a fraternidade não cedem em nada às que são dadas na Europa. É o laço que unirá os habitantes dos dois mundos.

Liga Internacional da Paz

Pedem que levemos ao conhecimento dos leitores da Revista Espírita que as adesões e subscrições à *Liga Internacional da Paz* são recebidas pelos Srs. Dolfus, Mieg & Cia, tesouheiros da Liga, na rue Saint-Fiacre, nº 9, e na secretaria, rue Roquépine, nº 18, onde podem ser obtidas todas as informações e dirigidas todas as comunicações. Ao mesmo tempo recebemos uma brochura, contendo o relatório da primeira assembléia geral, os discursos dos oradores e diversos documentos úteis para dar conhecimento do objetivo dessa associação. Ela é encontrada na livraria Guillaumin, na rue Richelieu, 14, ao preço de 1 fr.

Aceitamos com tanto melhor vontade o convite que nos é feito, quanto todos os espíritas são, por princípio, amigos da paz, e porque simpatizam com todas as instituições ou projetos que têm como objetivo fazer desaparecer o flagelo da guerra. Sua doutrina, que conduz à fraternidade universal, fazendo desaparecer os antagonismos de raças, de povos e de cultos, é por si mesma um poderoso elemento para a paz geral.

No Prelo

(A aparecer no fim de setembro)

O ESPIRITISMO NA BÍBLIA, ensaio sobre as idéias psicológicas entre os antigos hebreus; por *Henri Stecki*, de São Petersburgo. Brochura de 150 a 200 páginas; formato de *O que é o Espiritismo*.

Allan Kardec